



LEITURA NA PRÁTICA DOCENTE E FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR: um compromisso social da escola

Izidio Silva Soares¹ - izidiossares@gmail.com
Zélia Maria de Arruda Santiago² - zeliasantiato@yahoo.com.br
Universidade Estadual da Paraíba - cpcon@uepb.edu.br

RESUMO

Este trabalho refere-se a uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba (PPGECM-UEPB), ao analisar a leitura do texto matemático realizada entre professor e alunos em duas turmas do 6º ano do ensino fundamental, observando estratégias interacionais de compreensão textual oral (pergunta/resposta) e do aprendizado do conteúdo matemático. Esta discussão apoia-se na abordagem qualitativa de cunho bibliográfica interpretativa fundada nos pressupostos teóricos: Educação, Leitura e Matemática. Este recorte teórico-metodológico apresenta algumas reflexões acerca da leitura na formação social do sujeito, ressaltando o papel fundamental que a escola exerce na formação do aluno leitor, uma vez que a instituição escolar possui a responsabilidade de promover o ensino de leitura garantindo a competência crítica e criativa, já que o acesso ao aprendizado apresenta-se como um dos vários desafios da escola e, talvez, como o mais valorizado e exigido pela sociedade. Neste contexto tem-se o professor como formador de leitores permitindo ao educando uma leitura ampliada do mundo de modo a facilitar sua inserção no meio social.

Palavras-chave: Leitura na Escola; Prática Docente; Formação Leitora.

1. Introdução

A leitura está presente na vida cotidiana por toda parte existe inúmeros textos informativos composto por uma variedade de gênero textuais que exige de leituras diferenciadas para a compreensão das informações neles veiculados. A sociedade letrada exige o ensino de leitura em função das mudanças socioculturais e tecnológicas na qual demandam usos contínuos de diversas leituras, visto que a sociedade exige leitores atuantes, que “permite ao homem não somente sua inserção, mas também a participação ativa no meio social ao qual está inserido [...]” (OLIVEIRA, 2009, p. 1) devendo a escola promover a ligação entre leitores competentes e inserção social. Nesse sentido, Koch e Elias (2014) em suas reflexões argumenta sobre a importância da leitura na vida das pessoas ressaltando a necessidade de se incentivar e estimular o hábito de leitura entre crianças e jovens enfatizando a função da escola na formação de leitores competentes capazes de tomarem decisões e agirem criticamente no meio social.

A sociedade atual exige uma leitura para a cidadania possível de incluir a participação do sujeito nas práticas sociais de leitura, a função e compromisso da escola é

¹ Graduado em licenciatura em matemática pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG/2013. Mestrando em Ensino de Ciências e Educação Matemática-UEPB/2016-2018.

² Professora Doutora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, orientadora desta pesquisa.



adotar prática de leituras que contemple as expectativas da leitura além do código do texto escolar. Numa sociedade em que a prática de leitura é pouco exercitada Junior e Santos (1999, p. 43) tece algumas reflexões acerca da falta de incentivo na escola ao enfatizar que:

As condições ambientais são pouco estimulantes para a leitura, sendo que a maioria dos pais não lê e nem se preocupa em fazer com que seus filhos leiam. Como as pessoas não lêem, principalmente nas camadas sócio-econômicamente desprivilegiada, a escola assume um papel importante como incentivadora da leitura.

Essas colocações da autora reforçam ainda mais a importância do trabalho da escola para como o desenvolvimento da leitura como processo de prática transformadora, pois cabe a instituição escolar promover a formação de seus alunos. Procurando desenvolver nos educandos a competência comunicativa tornando pessoas capazes de entender e interagir com o meio social, uma vez que a leitura é fundamental para agir com liberdade nas sociedades letradas. Este texto apresenta algumas reflexões acerca da leitura na formação social do sujeito ressaltando o papel fundamental que a escola exerce na formação do aluno leitor. Discute sobre algumas estratégias didáticas que o professor de matemática utiliza para explicar o seu conteúdo, tendo a leitura como forma de expô-lo, além disso, enfatiza a leitura realizada com prazer sendo portando atribuição não apenas do professor de português a responsabilidade do ensino de leitura mais também das outras áreas do conhecimento.

2. Metodologia

Este trabalho norteia-se por uma abordagem qualitativa conforme contempla a obtenção de dados descritos com ênfase na situação estudada, analisada com interpretação das informações geradas no espaço da pesquisa (BOGDAN & BIKLEN, 1994; MINAYO, 1999). Neste enfoque enquadra-se esta pesquisa ao investigar a realidade da sala de aula por meio da observação dos sujeitos nela inseridos. Escolhemos esse tipo de pesquisa uma vez que seus objetivos refletem a realidade dos sujeitos atuantes e atuando no espaço da sala de aula.

Este estudo faz parte de uma pesquisa que estamos realizando vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da UEPB. A pesquisa está sendo desenvolvida numa Escola da Rede Municipal localizada na cidade do Damião-PB, tendo como participantes alunos de duas turmas do 6º ano com idade média de 12-14 anos. A escolha deve-se ao fato de que a maioria dos alunos está em fase escolar desenvolvendo habilidades de leitura em textos oral e escrito, tendo a escola como um espaço determinado na sua formação básica. Enquanto um recorte a mesma dialoga com o seu norte teórico que embasam seus objetivos ao enfatizar a análise do texto



oral do conteúdo da matemática construído na relação professor-aluno. Por isso, esta amostra expõe uma reflexão bibliográfica fundada acerca das competências da leitura em função das mudanças sociais refletidas na prática docente e na formação leitora do aluno crítico, tendo em vista leitores mais participativos na sociedade.

3. Resultados e Discussões

A concepção de leitura adotada pela escola para o ensino na maioria das vezes visa o leitor decodificar o texto dificultando a compreensão do mesmo, “muitas das atividades enfrentadas pelos alunos têm a ver com o hábito de considerar a leitura como uma atividade de decodificação da escrita, sem considerar a situação de comunicação” (CORRÊA e CUNHA, 2006, p. 81). A decifração da escrita do texto induz o aluno leitor ter uma visão limitada de leitura, ignorando as informações importantes exposta no texto que configura a comunicação. Nesse sentido, os PCNs de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, p. 42) menciona que:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Para Kleiman (2002, p. 20) “essa concepção dá lugar a leitura indispensável, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno”, as concepções equivocadas de leituras desenvolvidas nas escolas talvez sejam fatores que contribui para o insucesso dos alunos em sua aprendizagem, os PCNs comentam sobre esses aspectos enfatizando que é preciso superar tal situação. Para isso sugere que se desenvolva atividades com leitura de forma diferenciada utilizando vários textos com diferentes gêneros textuais, a diversidade textual possibilita que o aluno tenha mais acesso a informações além de influenciar hábito pela leitura. Nesse sentido, ao invés de formar leitores em níveis de decodificação de informações geram leitores com uma concepção mais reflexiva permitindo ao sujeito desenvolver um repertório de leitura que supere dificuldades e compreendam informações explorados nos textos.

A escola de modo geral possui a responsabilidade de promover o ensino de leitura garantindo a competência crítica e criativa, uma vez que o acesso ao seu aprendizado apresenta-se como um dos vários desafios da escola e, talvez, como o mais valorizado e exigido pela sociedade (FERREIRA e DIAS, 2002). Contudo de acordo com Coracini (1995, p. 18) “as posturas teóricas que privilegiam o texto



como portador de sentido se revelam na escola, em nível consciente ou inconsciente, no tratamento que se dá ao texto em qualquer disciplina curricular [...]”, portanto é atribuído a escola a incumbência de trabalhar o texto de forma significativa abrindo espaço para explorar a finalidade que deve ser “[...] decifrada (des-coberta) e assimilada pelo aluno” (CORACINI, 1995 p. 18) consistindo numa aprendizagem que será avaliada em função do grau de assimilação.

Para o ensino da língua na escola muito se utiliza o texto como fonte de estudo da gramática assim como afirma Coracini (1995, p. 18) “nas aulas de línguas, em particular - língua materna [...] o texto é, na maioria das vezes, usado como pretexto para o estudo da gramática, do vocabulário ou de outro aspecto da linguagem que o professor (ou o livro didático) reputam como importante ensinar”. Deste modo, numa situação de ensino o texto por sua vez perde a sua função primordial de incrementar efeitos de sentido atribuindo significado ao aluno leitor e, no entanto, passa a ser somente o local de conhecimento de unidades e estruturas linguísticas sem funcionalidade tornando algo basicamente sem sentido.

Segundo a autora no momento em que se propõe a compreender o texto em sala de aula o professor proferi as perguntas que normalmente se resumem a indagações como “o que o autor quis dizer?”, ou simplesmente “quais são as idéias principais do texto” e acrescenta “ou se limitam a exigir, quase sempre, da parte dos alunos o mero reconhecimento ou localização no texto da pesquisa da resposta “correta”” (ibidem, p. 18-19), com essa concepção de leitura aprender a ler em sala de aula corresponde a encontrar o significados das palavras, localizando as principais informações defendidas no texto, a fim de apresentar respostas aos questionamentos proposto pelo professor ou pelo livro didático.

Conforme Kleiman (2002, p. 20) “para responder a uma pergunta sobre alguma informação do texto, o leitor só precisa o passar do olho pelo texto à procura de trechos que repitam o material já decodificado na pergunta” uma tarefa que se resume ao mapeamento de informações gráficas da pergunta e sua maneira repetida no texto. Comumente em atividades escolares de leitura e interpretação muito exige do aluno leitor para responder as perguntas a mera cópia do que está escrito no livro didático ou em qualquer outro recurso como resposta para a questão, a atividade dessa natureza pouco se explora a leitura no seu sentido amplo e interpretativista. A leitura nesse sentido treina o educando a desenvolver uma rotina de atividades que pouco contribui na formação do aluno leitor.

Rara são às vezes em que a prática de leitura na sala de aula é marcada com um processo interativo na relação efetiva entre leitor-



texto, leitor-autor de modo que expresse as informações “que se acredita serem as marcas deixadas pelo autor, únicas responsáveis pelos sentidos possíveis” (CORACINI, 1995, p. 19). A autora enfatiza ainda em suas reflexões que raramente “a concepção discursiva se vê contemplada: raramente são permitidas, em aula, outras leituras que não sejam a do professor, ou melhor, do livro didático que o professor lê e respeita como portador da verdade [...]” (ibidem, p. 19). Quando o professor desconhece o discurso como fonte interativa que promove o aprendizado ele acaba reduzindo as possibilidades de desenvolvimento do conhecimento através da leitura cooperativa, colaborativa e participativa, na maioria das vezes o professor faz a leitura do livro didático que simplesmente é único recurso teórico do conhecimento disponível para o docente utilizar em suas aulas.

Os educadores apesar dos poucos suportes teóricos para desenvolver as aulas precisam se mobilizar e utilizar seus conhecimentos a fim de promover situações de leitura capaz de despertar no aluno momentos de aprendizagens onde os educandos possam ter a possibilidade de explorar suas capacidades em outras concepções de leituras, uma vez ser essencial na formação do básica do aluno leitor. A sociedade exige leitores atuando e atuante a fim promover pessoas com leituras proficientes capaz de satisfazer as demandas sociais, nos tempos atuais a necessidade da leitura é indispensável e atualmente cabe a escola desenvolver essa tarefa. Um dos objetivos da escola é contribuir para a formação de cidadãos críticos e reflexivos que enfrentem o mundo e conheçam seus direito e deveres conforme proposto nos PCNs do ensino da matemática (BRASIL, 1997).

Uma proposta que possibilita o desenvolvimento intelectual do cidadão que age de forma consciente numa sociedade a qual se insere. Conforme Rufino e Miranda (2006, p. 3) “A escola é um dos local socialmente designado para a preparação do ser humano, contribuindo para sua formação cidadã” essa responsabilidade da escola para com a formação cidadã é reforça quando Miranda (2005, p.32, *apud* Rufino e Miranda 2006, p. 3) afirma que “a escola é também um importante mediador entre o sujeito e o mundo social, pois favorece o acesso ao conhecimento e contribui, de forma significativa, para a inserção do sujeito na sociedade”. No entanto a escola exerce papel fundamental para a formação do aluno pautando este foco na formação do leitor crítico, pois através da leitura se amplia a capacidade de participação social ao adquirir outros saberes, desenvolver habilidades de várias leituras com mais criatividade, codificar e decodificar diversos textos, compreender e interpretar os textos que circulam dentro e fora da escola.



Entende-se que a leitura permeia todos os textos e conteúdos escolares, pois o texto em suas modalidades oral e escrito está presente, não apenas no ambiente estrito da sala de aula, mas expostos nos espaços escolares e relacionamentos cotidianos. Em conformidade com Freire (1989) a leitura é um instrumento de atuação no mundo quando utilizada pelos sujeitos para facilitar sua inclusão e interação social, significando a leitura e sua interpretação enquanto texto na sociedade e leitura de mundo. Nesse espaço, os alunos deve ter a oportunidade de aperfeiçoar suas habilidades atreladas ao o pensamento crítico e reflexivo para agir de modo consciente no meio social. Os PCNs (BRASIL, 1997) sugerem que para o ensino de leitura se fundamente em prática que possibilite o educando a aprender a partir da diversidade de textos que circulam na sociedade, uma vez que na atualidade exigem-se níveis de leitura e de escrita diversificada a fim de satisfazer as demandas sociais.

A leitura é uma prática social resultante de hábitos de atitudes de competência que deveriam ser começadas no ambiente familiar ou em outros espaços em que a escrita circula. Para Freire (1989, p. 27), é praticando a leitura que se aprende a ler e escrever e assim tornando um leitor, já que: “Se é praticando que se aprende a nadar, Se é praticando que se aprende a trabalhar, É praticando também que se aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para entender e aprender para praticar melhor”. O autor enfatiza a atividade da prática de leitura para estabelecer situações de aprendizagem comparando a técnica com outras atividades sociais em que se aprende praticando. A atividade com leitura tem a finalidade de formar leitores competentes e através da prática de leitura tornar leitores capazes de escrever com eficácia (BRASIL, 1997).

A leitura é considerada um aspecto básico para que o leitor possa interagir com o texto, segundo Koch e Elias (2014, p. 7) “[...] o texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos [...]”, em sua prática o sujeito por intermédio do texto estabelece seu vínculo no meio social fortalecendo a relação interacional. Nesse sentido, podendo facilitar a inserção numa situação em que é preciso o diálogo, ou seja, para que sujeito possa se posicionar sobre determinado contexto social e fazer reflexões a leitura e o texto são componentes que influencia no desenvolvimento do sujeito em frente a sua atuação consciente na sociedade. Por isso, se faz necessário a formação do leitor consciente e reflexivo podendo assim cogitar de suas atitudes, um cidadão capaz de pensar para concebera consciência de libertação por meio do poder do diálogo ao passo em que esse mecanismo se conquista via a leitura, ao interagir com o texto o sujeito se relaciona socialmente.



A deliberação para a estrutura da formação desse leitor está agregada a escola, uma vez, tida como a responsável para proporcionar práticas constantes de leituras de textos diversificados com objetivos diferentes conforme propõe os PCNs de Língua Portuguesa “uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato. Diferentes objetivos exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez, exige uma modalidade de leitura” (BRASIL, 1997, p. 43). Nesse sentido, a escola possui o compromisso social de promover a leitura numa perspectiva de introduzir o aluno no mundo de sujeitos letrados. Quando os PCNs ressaltam diferentes objetivos exigem diferentes textos que exige várias modalidades de leitura, está referindo aos textos em que as “leituras que requerem um enorme esforço intelectual e, a despeito disso, se deseja ler sem parar; outras em que o esforço é mínimo e, mesmo assim, o desejo é deixá-las para depois” (ibidem, p. 43) o texto considerado difícil que exige do leitor uma leitura mais atenta se deixa de lado ou raramente se retoma a leitura.

Chama-se a atenção para aquelas leituras em que é preciso o controle da mesma, visto que, no não entendimento do texto deve-se retomar a leitura refazendo-a para testar informações, pois “há leituras em que é necessário controlar atentamente a compreensão, voltando atrás para certificar-se do entendimento; outras em que se segue adiante sem dificuldade, entregue apenas ao prazer de ler” (ibidem, p. 43). Em relação aos diferentes textos há aqueles em “que se pode ler rapidamente, outros devem ser lidos devagar” e também “há textos que podem ser lidos apenas por partes, buscando-se a informação necessária; outros precisam ser lidos exaustivamente e várias vezes” (ibidem, p.43). São inúmeras modalidades de textos cada qual se deve associar uma categoria de leitura para compreender a informação que se pretende transmitir.

Na prática diária de leitura na escola é preciso se admitir diferentes leituras, possibilitando o aluno leitor produzir várias interpretações em confronto com a prática única interpretação escolar, conforme salienta os PCNs “outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto”. (ibidem, p.43) É comum se observar nos livros didáticos atividades de cunho interpretativo nos exercícios que exigem a interpretação do texto na maioria das vezes, as respostas podem ser transcrita com trechos do próprio texto, pouco explorando a atividade de interpretação entre as entrelinhas do texto. Em relação as atividades propostas nas escolas para o



ensino de leitura Junior e Santos (1999, p. 44) afirma que:

As atividades de leitura, nas escolas, estão relacionadas à cópia e à memorização. É a escola que define, de antemão, o sentido que deve ser fornecido pelos alunos, a partir da leitura de um texto. A compreensão e a interpretação já vêm prontas e acabadas, cabe ao leitor apenas imitá-las para efeito de avaliação.

Kleiman (2002) aborda à concepção escolar da leitura no capítulo 2 do livro intitulado “Oficina de Leitura: teoria e prática” introduzindo uma pergunta “por que meu aluno não lê?” A autora expressa uma das queixas que mais os professores ouvem, citando os meus alunos não gostam de ler essas e outras situações que pode discorrer nas salas de aulas são problemas que influênciam na formação leitora. Enfatiza que estas situações apresentam aspectos relativos ao funcionamento de leitura em sala de aula que contribui para tal problema. O foco do discurso se refere ao espaço de leitura que, cada vez, se torna menor no cotidiano escola, portanto, produzindo pobreza do ambiente de letramento, ou seja, o material que é escrito e apresentado para os leitores dentro e fora da escola (pouco contribui na formação do sujeito) deixa uma lacuna. Enfatiza também a formação precária de grande parte dos escritores. Isso tudo pode influenciar na concepção de leitura dos alunos que necessita de uma formação de leitura que desperte o interesse em mergulhar no mundo da imaginação leitora.

Kleiman (2002, p. 15) aborda o amor que se deve ter em ler ressaltando “para formar leitores devemos ter paixão pela leitura” fazendo referência ao autor Francês Bellenger em que “a leitura se baseia no desejo e no prazer” o gosto pela leitura, por aquilo que se pretende ler pode ser o caminho que favoreça condições de leitura. Uma leitura fluente permite o leitor entrar no mundo e revelar o que se tem de mais essencial, ler é basicamente abrir espaço para refletir sobre as coisas que nos comove e faz ter sentido aquilo que pode até ser ignorado, mas transformado em algo significativo.

A leitura na sala de aula atualmente acontece de modo em que o professor inicia a aula pedindo para o aluno abrir o livro didático numa certa página, conforme segue a sequência de exercício do livro, e ordena que os alunos leiam o texto para em seguida responder aos exercícios como forma de aprendizagem do texto lido. Esse tipo de leitura pode não contribuir para a formação de um leitor crítico e reflexivo e essa forma de articular a prática de leitura no ambiente escolar desmotiva o aluno a ter prazer em ler. Talvez, por isso, haja a rejeição por parte de alguns alunos quando se trata de tarefa que envolva a leitura, muitos deles quando é posto a realizar atividade de leitura logo se manifesta dizendo “que não vou fazer, pois tenho que ler isso, eu não vou ler” e acaba não lendo e nem fazendo a atividade.



Para o aluno a leitura pauta-se em algo inútil e sem sentido, visto que não tem nada de interessante no texto que despreze ao seu interesse, e nesse caso, vai fazer uma atividade só por fazer que não tenha utilidade nenhuma quando sair da escola, pois na realidade da sua vida cotidiana não se usa essa prática. Para Kleiman (2002, p. 16) “as práticas desmotivadoras, perversas até, pelas consequências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem”, sendo assim o modo como a leitura é tratada dentro e fora da sala de aula, além de limitar distancia o aluno cada vez mais de ter prazer pela leitura, e portanto, desenvolver a leitura com sentido. A leitura, por sua vez, apresenta aspectos considerados fundamentais na formação do cidadão, numa interação comunicacional sem o domínio dela dificulta a participação do sujeito em qualquer situação que envolva o diálogo, por isso, dá ênfase à leitura é inserir habilidades que são indispensáveis para o desenvolvimento da oralidade e do pensamento crítico, o domínio da mesma é essencial para desenvolver e aprimorar a capacidade de aprender.

No entanto, estimular e influenciar o hábito de ler é uma atividade de princípios mais importante que existe, pois é por meio desse mecanismo que compreendemos e interpretamos todo universo das coisas que nos rodeia. Para Freire (1989, p. 8), a leitura é um processo “que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”, enfatizando que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Este autor menciona a importância do outro na formação do leitor crítico e ativo que interage em diferentes contextos na ação no mundo. Os PCNs de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, p. 41) enfatizam os aspectos da leitura na construção do conhecimento ressaltando que “a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto”. Tendo a sala de aula como um espaço que torna os interlocutores ativos e participativos ao ouvir o outro com o propósito de promover situações interacionais de forma que todos participem desta oportunidade de produção e interpretação textual.

Professores em sala de aula: um formador de leitor

Há a falsa ideia de que o professor de português tem toda responsabilidade da formação leitora do aluno, não podemos restringir tal atribuição apenas a esse profissional do saber, pois todos os docentes têm essa função de formar sujeitos leitores. Não cabe apenas a escola e aos professores proporcionar essa tarefa, mais a família tem um papel fundamental na formação do



aluno, podendo-se mencionar também a função da sociedade de modo geral as políticas públicas proporcionar situações de leitura criando ambiente que incentive o hábito de leitura. O meio social pode ser o grande espaço que abrange a formação do sujeito podendo influenciar o mesmo a fazer a leitura de/do mundo assim como propõe Freire (1989).

Ser um sujeito social e, socialmente interativo exige do indivíduo uma formação leitora caracterizada por um amplo conhecimento adquirido com base na leitura desenvolvida na perspectiva Freireana. Partindo do ponto em que o sujeito sempre está em fase de desenvolvimento dos processos de formação de leitor, chamamos a atenção para os profissionais da educação que tem o desafio como mediador do saber ensinar a ler aos educandos, uma vez que, em nossa concepção concordamos com a ideia de que “todo professor é um formador de leitor”. Contudo podemos indagar se o professor como formador de leitor traz consigo a responsabilidade de proporcionar uma leitura que possibilite ao estudante desenvolver suas habilidades e competência crítica e criativa, possibilitando ao mesmo melhor desempenho como leitor viabilizando sua participação ativa no meio social (JUNIOR E SANTOS, 1999).

Nesse sentido, retomamos ao ponto de que não é apenas atribuição do professor de português ensinar a ler e escrever é também responsabilidades dos profissionais das outras áreas do conhecimento, pois cada texto escrito para explicar os conhecimentos específicos de cada disciplina possui uma linguagem diferente que será necessária o professor interpretar conforme a sua área de atuação. Os PCNs de Língua Portuguesa (1997, p. 20) enfatiza que “as condições atuais permitem repensar sobre o ensino da leitura e da escrita considerando não só o conhecimento didático acumulado, mas também as contribuições de outras áreas” do conhecimento. Seguindo esse raciocínio Kleiman (2013, p. 7) afirmar que, “o trabalho com leitura não deve ser apenas tarefa do docente de Língua Portuguesa, mas de todos os professores”, por isso, ressaltamos a importância de contemplar a leitura do texto matemático lido interpretado junto aos alunos, visto que nesse tipo de texto possui termo específico que deve ser desencadeado pelo professor.

Outras atribuições são fundamentais na formação do aluno conforme apresenta Witter (1999, p. 24) em suas reflexões, pois “[...] o meio familiar é um dos aspectos críticos para a aquisição da competência em leitura e escrita [...]” a leitura frequente em casa tanto dos pais como também das crianças segundo esse autor reforça positivamente o desempenho em tarefas relacionadas às habilidades específicas de leitura, assim a família exerce um papel essencial na formação de leitura do aluno tanto na



escola quanto em casa. Mas, a escola e os profissionais que atuam na perspectiva de desenvolver um ensino inovador capaz de modificar o contexto escolar, fundamentalmente precisam criar estratégias de leitura (SOLÉ, 2008) e adotarem recursos adequados à prática da leitura, estabelecendo um processo criativo.

Um dos meios propostos para despertar o hábito da leitura pode ser basicamente estimulando o leitor o desejo e o prazer pela leitura (KLEIMAN 2002), seguindo esta linha de pensamento a leitura realizada com prazer desperta o interesse do aluno em avançar em suas reflexões possibilitando a criar e recriar, e no caso da leitura na sala de aula deve ter o acompanhamento e a orientação do professor formador. Ler sobre algo que nos interessa saber que faz parte do nosso cotidiano pode ser uma boa estratégia de incentivar um público de espectadores em formação intelectual de leitura. Os profissionais da educação devem atuar com o objetivo de promover um ensino que possibilite ao estudante despertar o gosto pela leitura de modo que a mesma proporcione nos alunos o desenvolvimento do pensamento crítico associado ao fazer ativo da leitura.

4. Considerações finais

Diversos estudos desenvolvidos nas últimas décadas apontam que a leitura realizada na perspectiva de formação de leitor crítico contribui para o desenvolvimento da própria aprendizagem do aluno sendo essa atrelada a uma formação sócia - cultural e intelectual objetivada a integração da vida social do estudante. Contudo, essa leitura não pode ser aquela usada para ensinar a gramática, a decodificar, dar significados a palavras e nem aquela em que é exposta durante as aulas pelo professor em que como mediador ler e os alunos escuta, estamos tratando de uma leitura diversificada que e deve ser compreendido como sendo aquela que institui uma relação aprofundada com a linguagem e as significações proporcionando, nesse sentido, a superação ao modelo mecânico muito utilizados nas escolas.

A leitura deverá ser sempre um meio e nunca um fim, deve ter várias funções, pois é diferente ler para se divertir, para estudar, para escrever, para pesquisar etc. Os PCNs (BRASIL,1997) recomendam que o aluno possa, em alguns momentos, escolher as próprias leituras identificando, dessa maneira, suas preferências para a prática da leitura. Nesse viés o professor formador de diferentes áreas do conhecimento deve ter a maturidade de planejar e conceber concepções de leitura que contribua para a formação do aluno leitor. Assim permitindo ao estudante uma leitura ampliada do mundo de modo que facilite sua inserção no meio social.



5. Referências Bibliográficas

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Tradução Maria J. Alvarez, Sara B. Santos e Telmo M. Baptista. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p. 1997.

CORACINI, M. J. R. F. LEITURA: DECODIFICAÇÃO, PROCESSO DISCURSIVO...?. In.: Maria José Rodrigues Faria Coracini. (Org.). **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira.** – Campinas, SP: Pontes, 1995.

CORRÊA, A. M. S.; CUNHA, T. R. Trabalhando a leitura em sala de aula. In.: Maria Aparecida Lino Pauliukonis; Leonor Werneck Santos. (Orgs.). **Estratégias de Leituras: texto e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. G. B. B. A ESCOLA E O ENSINO DA LEITURA. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 39-49, jan./jun. 2002.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortes, 1989.

MINAYO, M. C. S. (Org) **Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade.** 13.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

JUNIOR, S. A.; SANTOS, A. A. A. Importância do desenvolvimento da leitura na formação profissional. In.: Geraldina Porto Witter (Org.). **Leitura: textos e pesquisas.** – Campinas, SP: Editora Alínea, 1999.

OLIVEIRA, H. **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA SOCIEDADE MODERNA E O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES PROFICIENTES.** 2009. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-leitura-nasociedade-moderna-e-o-papel-da-escola-na-formacao-de-leitoresproficientes/26228/>>. Acessado em: 29 ago. 2017.

RUFINO. C. S.; MIRANDA, M. I. **AS CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA DE INTERVENÇÃO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA.** 2006. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/3835/2840>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura - Teoria e Prática.** Campinas - SP: Pontes. 2002

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.